



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

O DIÁRIO DE ANNE FRANK: MEU “EU” ESCRITOR.

Dêniel Cesar Antonio da Silva

Rio de Janeiro

2022

DÊNIEL CESAR ANTONIO DA SILVA

O DIÁRIO DE ANNE FRANK: MEU “EU” ESCRITOR.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Hebraico.

Orientador (a): Prof^ª. Doutora Karla Louise de Almeida Petel

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S586o Silva, Dêniel Cesar Antonio da.
O diário de Anne Frank: Meu "eu" escritor /
Dêniel Cesar Antonio da Silva – Rio de Janeiro, 2022.
33f.

Orientadora: Karla Louise de Almeida Petel.
Monografia (graduação em Letras habilitação
Português – Hebraico) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 32.

1. Diário . 2. Anne Frank.I Silva, Dêniel Cesar Antonio da.
II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Letras, 2022. III . Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

DÊNIEL CESAR ANTONIO DA SILVA

DRE: 117042048

O DIÁRIO DE ANNE FRANK: MEU “EU” ESCRITOR.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Hebraico.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof.^a Doutora Karla Louise de Almeida Petel - UFRJ – Presidente da Banca Examinadora

NOTA: _____

Prof.^a Doutora Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira - UFRJ - Leitor crítico

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

AGRADECIMENTOS

בס"ד - ב"ה

**כִּי נִשְׁבַּע | יְפוּל צְדִיקָה וְקָם וְרָשָׁעִים יִכְנָסוּ בְרָעָה:
משלי כ"ד:ט"ז**

Gratidão aos meus familiares,

Aos colegas de graduação, república, alojamento e projetos de extensão,

Aos professores excelentes das Faculdades de Letras e Educação da UFRJ, e aos coordenadores e orientadores que tive.

À minha comunidade de Bnei Noach,

Aos meus alunos do Projeto Hebraico Descomplicado e do CLAC/UFRJ,

Ao Pré-Vestibular Popular - PVP/IFHEP por ter atuado como monitor/educador de redação em 2017,

À escola municipal Pe. José de Anchieta por ter sido estagiário na educação especial de alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) em 2018,

אני מאמין בניסים כי אני יודע שיש אלוקים!

SUMÁRIO

Introdução p. 6

Capítulo 1 - Instrumento de liberdade p. 8

1.1 - A escrita de um diário como instrumento de sobrevivência p. 8

1.2 - A íntima relação que Anne possui com o diário e seus hábitos de escrita ... p. 11

1.3 - O papel tem mais paciência do que as pessoas p. 13

1.4 - A rara nobreza de um espírito amadurecido no sofrimento p. 16

Capítulo 2 - Os resilientes do anexo secreto p. 20

2.1 - Afetos e desafetos: Confinados e saturados aprendendo a conviver p. 20

2.2 - Amor e sexualidade na adolescência: Desafios e transformações p. 23

2.3 - Mentes ocupadas: A cultura do estudo que eles mantiveram no esconderijo ... p. 26

2.4 - A esperança é a última que morre! p. 29

Considerações finais p. 31

Bibliografia p. 32

Introdução

“Nós, leigos, sempre tivemos a curiosidade de saber de que fonte esse ser estranho, o escritor criativo, desenha seu material, e como ele consegue causar tal impressão em nós com ele.”¹

(FREUD)

O presente trabalho busca entender e analisar a importância que o diário teve na vida de Anne Frank. Assim como o papel que esse instrumento desempenhou em sua jornada, junto aos mecanismos de equilíbrio e sobrevivência que foram utilizados pela autora, resultando no trabalho do diário que hoje possui fama internacional. As estratégias de Anne para conviver com os outros membros no anexo secreto, a relação que manteve com a escrita durante a adolescência, e a esperança latente por dias melhores durante o período de reclusão.

Nessa perspectiva, utilizou-se, principalmente, algumas contribuições do teórico francês Philippe Lejeune com seu livro “O pacto autobiográfico”, a pesquisa realizada pelo 6º programa de iniciação científica da UniCEUB - Centro universitário de Brasília de Monique Frederico Pires de Souza, intitulada como “O ideal de liberdade em o diário de Anne Frank”, e a dissertação de mestrado de Marta Magalhães dos Santos pelo Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida intitulada como “Um olhar sobre o diário de Anne Frank”.

Annelies Marie Frank, mais conhecida como Anne Frank, possuía um talento literário notório e grande facilidade para se expressar. Filha de Edith e Otto Frank, ela foi uma adolescente judia alemã que viveu na Holanda a maior parte de seus dias e foi uma das milhares de vítimas do holocausto.

O diário de Anne Frank tornou-se uma das obras mais famosas sobre os relatos vivenciados durante a segunda guerra mundial. Um testemunho pessoal em registro de diário que descreve a situação de opressão e aniquilamento vivida pelos judeus, e os conflitos cotidianos da jovem enquanto estava escondida com sua família e outras

¹ SANTOS, 2012, p.3.

peças em uma prisão domiciliar. Hipoteticamente, a escrita do diário foi utilizada como uma estratégia de equilíbrio psicológico durante este período no esconderijo.

O diário serviu como objeto de estudo para muitas áreas do conhecimento, principalmente no que se refere às humanidades. É possível achar trechos do diário de Anne Frank em diversos meios. Encontram-se muitos conceitos trazidos por Anne em áreas como educação, literatura, linguística aplicada ao ensino de leitura e produção de textos, psicologia, coaching, história, sociologia, antropologia, etc. Existem muitos trabalhos acadêmicos sobre o livro com múltiplas abordagens.

Capítulo 1 - Instrumento de liberdade

1.1 - A escrita de um diário como instrumento de sobrevivência.

“Todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé”.²

(Philippe Lejeune)

Por que escrever pode ser libertador? Por que escrever em plena segunda guerra mundial, dentro de um esconderijo com péssimas condições de habitação, em uma geração com poucos recursos audiovisuais, pode significar tanto? O diário de Anne Frank teve muito valor não somente para a sua autora, mas também grande repercussão internacional como um relato e documento histórico sobre um período sombrio da humanidade.

O diário foi um presente de aniversário que Anne recebeu em seu 13º aniversário antes de mudar para o esconderijo com sua família. As reflexões de Anne sobre a guerra e o mundo ao seu redor eram constantes.

Annelies Marie Frank nasceu em 1929, na Alemanha, filha de um banqueiro e de uma dona de casa. Aos 4 anos de idade, Anne foi obrigada a sair do país com sua família após a ascensão dos grupos opressores ao poder. Anne pertencia a uma família judaica de Frankfurt que, em 1933, fugindo das perseguições do regime hitleriano, se refugiou na Holanda, onde supunha encontrar a paz e a segurança.

Em 1942, com a perseguição aos judeus deflagrada também na Holanda, Otto Frank, sua mulher e filhas unem-se a mais quatro pessoas e decidem se esconder dos invasores alemães. Por aproximadamente dois anos eles tiveram que viver limitados ao anexo do sótão do escritório de Otto Frank, sem sair às ruas, vivendo sob a constante ameaça de serem descobertos pela polícia. No esconderijo, o diário de Anne Frank foi o único instrumento de liberdade que ela possuía, e, nele, relatou a vida cotidiana do Anexo Secreto, as transformações sofridas por cada um dos que ali residiam e a angústia daqueles dias.

Certo dia de 1944, um membro do governo holandês no exílio, declarou em transmissão radiofônica que, depois da guerra, esperava recolher testemunhos oculares do sofrimento do

² LEJEUNE, 2014, p 461.

povo holandês sob ocupação alemã e que estes pudessem ser postos à disposição do público. Referiu-se especificamente a cartas e diários.

Impressionada com aquele discurso, Anne Frank decidiu que publicaria um livro a partir de seu diário, quando a guerra terminasse. Assim, começou a reescrever e a organizar o diário, melhorando o texto, omitindo passagens que não achava tão interessantes e adicionando outras de memória. A última anotação no diário de Anne data de 1º de agosto de 1944.

“12 de junho de 1942 - Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.” - (FRANK, 1942, p. 13)

Além da função de um diário, a escrita de Anne no período de 12 de Junho de 1942 a 1 de Agosto de 1944 foi um meio de sobrevivência, visto que a autora refugiou-se nele fazendo da escrita um sistema defensivo. O contexto de opressão e perseguição dos nazistas serviu de motivação para essa adolescente durante esse tempo de confinamento.

Será que Anne escreveria um diário se não houvesse a segunda guerra mundial e a perseguição aos judeus pelos nazistas? De forma geral, não há um perfil psicológico para um diarista. Isso porque a prática de escrever um diário responde a motivações variadas e diferentes personalidades entre os seus escritores. Segundo Lejeune (2014) cada diarista inventa o seu próprio caminho dentro desse gênero textual, que apresenta alguns modelos mas nenhuma regra.

Uma diarista na situação de Anne Frank pode escrever um diário por apresentar a essência de uma diarista, ou simplesmente por acaso, devido às adversidades. Anne se revelou uma diarista nata ao longo do diário, independente das dificuldades. Além da jovem gostar muito de escrever, ela visava publicar seu trabalho pessoal futuramente.

A prática de escrever diários era sim comum entre as meninas de sua idade naquela época, o que é menos comum hoje em dia. De acordo com Lejeune (2014), os diaristas como Anne Frank têm em comum o gosto pela escrita e a preocupação com o tempo, visto que a jovem menina não sabia quando o tormento daquele esconderijo na segunda guerra iria acabar.

“Sábado, 20 de junho de 1942 - Fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de 13 anos. Bom, não faz mal. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito.” - (FRANK, 1942, p. 18)

Segundo Lejeune (2014), o instrumento de liberdade utilizado por Anne Frank serviu no mínimo para construir ou exercer a memória da autora. Além de ter se tornado um documento histórico que se faz presente hoje em um museu. Ter um diário tornou-se para Anne Frank uma

maneira possível de viver. A jovem pôde acompanhar com clareza através da escrita uma fase dura de sua vida. Uma verdadeira fonte de ajuda para manter o equilíbrio emocional ao digerir e expressar suas vivências, ou não vivências, no papel. O diário foi um espaço onde o “eu escritor” de Anne escapava momentaneamente às pressões sociais internas e externas, se refugiando, antes de voltar mais leve, ao mundo real.

“Sábado, 20 de junho de 1942 -“O papel tem mais paciência do que as pessoas.” Pensei nesse ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada, com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se deveria ficar ou sair. No fim, fiquei onde estava, matutando. É, o papel tem mais paciência, e como não estou planejando deixar ninguém mais ler este caderno de capa dura que costumamos chamar de diário, a menos que algum dia encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença.

Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo. [...]” - (FRANK, 1942, p. 19)

Retomando a pergunta inicial, por que escrever pode ser libertador? No caso de Anne Frank, escrever um diário repercutiu em várias questões. Conservar a memória. Sobreviver. Desabafar. Conhecer-se. Deliberar. Pensar. Resistir. Escrever.

“Sexta-feira, 14 de agosto de 1942 -

Querida Kitty,

Abandonei você durante um mês inteiro, mas aconteceram tão poucas coisas que não encontro nem mesmo um caso por dia que valha a pena relatar. [...]” - (FRANK, 1942, p. 44)

Manter um diário foi uma atividade discreta realizada longe do olhar dos outros e da família. Uma atividade que foi passageira e irregular, mantida durante uma crise. Anne começava, largava e depois encontrava o diário. Comumente, as pessoas que utilizam a escrita desse gênero textual não se obrigam a escrever todos os dias por um longo período, anotando o máximo de coisas possível, como se fosse um compromisso. Encontramos muita espontaneidade e a maioria dos diários segue um tema. No diário de Anne Frank, observamos que ela escreve para si mesma com o intuito de compartilhar um pouco dela e da temática envolvida.

1.2 - A íntima relação que Anne possui com o diário e seus hábitos de escrita.

“Nós, leigos, sempre tivemos a curiosidade de saber de que fonte esse ser estranho, o escritor criativo, desenha seu material, e como ele consegue causar tal impressão em nós com ele.”³

(FREUD)

Anne possuía um grande apreço pelos estudos e pela escrita. Uma de suas grandes aspirações era tornar-se escritora ou jornalista em um futuro pós-guerra. Isso nos revela um pouco da facilidade que ela tinha para expressar suas ideias, emoções, opiniões e filosofias de vida por meio da linguagem.

Segundo Souza (2008), a relação que Anne possuía com a escrita tinha uma forte ligação com os ideais de liberdade que ela tanto aspirava. A ansiedade de viver uma vida normal longe das limitações e opressões do regime nazista alemão, a necessidade de romper com tradições e costumes que Anne considerava antiquados, etc. Ela podia revelar e expressar intensamente seus pensamentos e sentimentos nos escritos de seu diário.

A limitação social que os judeus tinham na Holanda durante a segunda guerra mundial é retratada por Anne Frank com muita insatisfação. Restaram-lhes poucas opções de lazer, ainda no início das perseguições antissemitas, o que levou muitos a buscarem fontes de alívio dentro daquela configuração de sofrimento crescente.

“11 de Abril de 1944 - Se ao menos eu pudesse ser eu mesma, ficaria satisfeita.” - (FRANK, 1944, p. 292)

Segundo Frank (1942) entre os decretos antissemitas que o regime nazista decretou na época temos,

“Os judeus deveriam usar uma estrela amarela para identificação; Os judeus eram proibidos de andar nos bondes (transporte público); Os judeus eram proibidos de andar de carro, mesmo em seus próprios carros; Os judeus deveriam fazer suas compras entre 3 e 5 horas da tarde; Os judeus só deveriam frequentar barbearias e salões de beleza de proprietários judeus; Os judeus eram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou ter qualquer outra forma de diversão; Os judeus eram proibidos de ir a piscinas, quadras de tênis, campos de Hóquei ou a qualquer outro campo esportivo; os judeus eram proibidos de ficar pelas ruas ou nos amigos depois das 20h; Os judeus deveriam frequentar escolas judias, etc.” - (FRANK, 1942, p. 292)

³ SANTOS, 2012, p.3.

Em alguns momentos, Anne Frank descreve minuciosamente as situações de perseguição e opressão que ela captava ao seu redor. Abaixo, temos um trecho escrito pela jovem Anne retratando o momento de arrumar as malas para o esconderijo apressadamente junto a família.

“08 de Julho de 1942 - Para mim, as lembranças são mais importantes do que os vestidos.” - (FRANK, 1942, p. 33)

Ela precisou deixar muitas roupas e objetos pessoais para trás e isso não a abalou fortemente, visto que, para Anne, as lembranças das vivências que ela carregava consigo mesma eram extremamente valiosas e podiam superar as perdas materiais. Essas vivências construíram o “eu” da jovem em meio ao caos e são retratadas ao longo do diário com muita saudade, como a companhia dos amigos, festas em família, as lembranças da escola, o gatinho que ela tanto amava e não pôde levar para o anexo secreto, momentos de lazer em feriados e fins de semana, dentre outros.

Durante o processo criativo de escrita do diário, Anne estabelecia relações entre os múltiplos eventos que ocorriam ao seu redor e dentro de si. Ao relacionar-se com esses acontecimentos, ela molda a sua experiência de viver e dá-lhes um significado a partir do ato de escrever. Nesse sentido, em cada ação desse tipo, ao exercê-la, e compreendê-la internamente, Anne deixava transparecer a projeção de sua ordem interior, ao interpretar os fenômenos internos e externos, buscando e criando significados para eles.

Observamos no diário uma profunda motivação humana de criação. Sem restrições ao potencial e processo criativo da jovem autora. A escrita do diário para Anne Frank também foi uma forma de expressão emocional a partir do ato de criar. Segundo Santos (2012), a recriação de um mundo interno no formato de um objeto que era amado por Anne. Eis o diário de Anne Frank.

A relação que Anne possuía com o diário está intimamente ligada aos seus sonhos e experiências cotidianas, principalmente as que eram reprimidas em seu inconsciente. A jovem raramente seguia sua tendência humana natural de criar valores e ideologias segundo a sociedade na qual estava inserida. Anne Frank demonstrava ter o seu próprio modo de pensar e sentir os fenômenos que ocorriam ao seu redor. A percepção e sensibilidade de Anne não estavam limitadas à sua cultura, o que contribuiu para um jeito único de fazer e imaginar que a autora possuía. Sua obra criativa possibilitou a superação de conflitos internos e redução de traumas ligados a uma fase sombria.

A íntima relação que Anne possui com o diário e seus hábitos de escrita potencializa um

efeito positivo em seu estado psicológico. Ocorre a intensificação das emoções positivas da autora e a dissipação das negativas. O processo da escrita de si mesma permitiu a capacidade de melhorar a sua autoanálise, com certo distanciamento de situações e emoções perturbadoras, possibilitando uma reflexão mais sólida. Ao experimentar esta sensação de controle, a jovem Anne Frank passa a conhecer-se melhor. Como escritora, ela estrutura cada vez melhor o seu pensamento tornando-se capaz de assimilar os acontecimentos com maior clareza e dar um sentido mais aprofundado às experiências vividas. A escrita do diário foi um meio de dar significado ao que ela sentia sem o risco de ser criticada negativamente ou receber quaisquer outros julgamentos. O ambiente externo para Anne tornou-se mais envolvente, controlável e previsível.

1.3 - O papel tem mais paciência do que as pessoas.

“Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo.”⁴

(Anne Frank)

Segundo Santos (2012), a relação de Anne com seu diário é a típica relação de um indivíduo que escolhe a escrita como processo terapêutico. As experiências quando colocadas no papel tornaram-se mais simples e flexíveis sendo assimiladas com menos dor. Ela pôde ultrapassar uma vivência difícil com menos agonia, além de ter utilizado uma importante e benéfica ferramenta de introspecção.

Para Anne, escrever foi necessário na falta de pessoas que oferecessem a ela a atenção que a mesma desejava receber. Anne queria ser ouvida e compreendida. Isso se comprova quando ela escreve o seguinte trecho no dia 20 de junho de 1942:

“ ‘O papel tem mais paciência do que as pessoas.’ Pensei nesse ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada, com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se deveria ficar ou sair. No fim, fiquei onde estava, matutando. É, o papel tem mais paciência, e como não estou planejando deixar

⁴ FRANK, 2019, p.19.

ninguém mais ler este caderno de capa dura que costumamos chamar de diário, a menos que algum dia encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença.” - (FRANK, 1942, p. 19)

Trata-se da espécie de uma grande faxina psicológica para recomeçar mais leve. Descarregar o peso das emoções e dos pensamentos no papel. Esvaziar o coração no papel porque o indivíduo está só e não pode esvaziá-lo em um ouvido amigo. A jovem Anne cria uma relação de amizade com o seu diário. O objeto torna-se um tipo de amigo imaginário para a adolescente, conforme observamos no trecho abaixo:

“Domingo, 5 de julho de 1942 -
Querida Kitty,

A festa de fim de ano letivo, na sexta-feira, no Teatro Israelita, aconteceu conforme o previsto. Meu boletim não estava ruim. Recebi um D, um C- em álgebra, e todo o restante foi B, a não ser dois B+ e dois B-. Meus pais ficaram satisfeitos, mas eles não são como os outros pais em relação às notas. Eles nunca se preocupam com boletins, bons ou ruins. Desde que eu esteja saudável, feliz e não discuta demais, eles ficam satisfeitos. Se essas coisas estiverem bem, todo o resto se resolve. [...]” - (FRANK, 1942, p. 30)

Esse trecho foi escrito antes da família Frank se esconder no anexo secreto. Anne costumava chamar o seu diário pelo nome de “*Kitty*”, iniciando na maioria das vezes com o vocativo “*Querida Kitty*,”. O tratamento comum de “*Querido diário*” no início das páginas desse gênero, tinha essa forma peculiar no diário de Anne, “*Querido diário, querida Kitty*”.

Com o uso do papel na função de amigo, Anne Frank pôde desenvolver a imagem do que acabara de viver e meditar. Refugiando-se nele ao utilizar uma fonte de espaço e tempo subtraídos dos incômodos vividos. Esse amigo oferecia para Anne uma fonte de expressão, reflexão, memória e prazer ao escrever. Ela podia construir para si uma memória de papel, criar arquivos de suas vivências, acumular vestígios, conjurar alguns esquecimentos e dar à vida a consistência e a continuidade que lhe faltavam. Anne possuía o desejo de reconhecimento, independente de ser ou pensar a partir do universo de uma adolescente.

Ademais, a jovem Anne Frank escreveu porque gostava. Era agradável para ela. O papel era um amigo íntimo no qual ela podia se reconhecer, dando forma ao que ela vivia e, assim, progredir na escrita. Trata-se de um momento em que a autora podia ser completamente honesta consigo mesma.

Na condição de adolescente, Anne Frank sentia-se injustiçada porque ninguém disponibilizava uma escuta ativa acerca do que ela tinha para dizer. Muito menos em relação às suas opiniões, que segundo a mesma, eram dignas de serem ouvidas. Devido a falta de um amigo

verdadeiro, Anne é tomada por um profundo sentimento de solidão que é notório ao longo do diário. Uma necessidade de amar e ser amada, de ter alguém que a compreenda por completo. Alguém a quem ela possa se mostrar plenamente, sem barreiras ou máscaras, do jeito que realmente é.

Vale considerar a época em que Anne vivia para essa questão. Os mais jovens tinham pouco espaço de fala, e a cultura desse tempo supervalorizava o conhecimento de mundo e a bagagem que era trazida pelos mais velhos. Havia poucas relações de troca nesse sentido. Isso se torna claro em diversos trechos da obra e em alguns comportamentos de insatisfação de Anne. Na relação complicada que ela tinha com a mãe e com outros adultos do anexo secreto.

“Domingo, 27 de setembro de 1942 -

Querida Kitty,

Hoje, mamãe e eu tivemos uma discussão, digamos assim, mas a parte chata foi que eu caí no choro. Não consigo evitar. Papai é sempre tão bom comigo e, além disso, me entende muito melhor. Nessas horas, não suporto mamãe. É óbvio que sou uma estranha para ela; ela nem sabe o que penso sobre as coisas mais simples.

Estávamos falando das empregadas e sobre o fato de que hoje em dia devemos chamá-las de auxiliares domésticas. Ela disse que quando a guerra terminar será assim que elas vão querer ser chamadas. Eu não vejo nada desse jeito. Então ela comentou que eu falava com muita frequência sobre depois e que ajo como se fosse uma lady, mesmo não sendo, mas não acho que construir castelos de areia no ar seja uma coisa tão terrível, desde que você não leve isso muito a sério. [...] Mais uma vez o ar se encheu com as críticas dos Van Daan e com minhas respostas 33irônicas. [...] Eles vivem dizendo que eu deveria falar menos, cuidar de minhas coisas e ser mais modesta, [...] Os Van Daan, especialmente a Sra. Van Daan, não suportam ver como sou mimada. [...] Aí a Sra. Van Daan realmente sai do sério: - Você deveria ter morado em nossa casa, onde as crianças foram criadas como deveriam ser. [...] Anne é muito mimada. Eu nunca deixaria isso acontecer. Se Anne fosse minha filha...” - (FRANK, 1942, p. 56-58)

“Quarta-feira, 2 de setembro de 1942 -

Querida Kitty,

O Sr. e a Sra. Van Daan tiveram uma briga terrível. Eu nunca tinha visto nada igual, já que papai e mamãe nem sonhariam em gritar um com o outro daquele jeito. A discussão se baseou em alguma coisa tão boba que nem merecia que se gastasse uma só palavra. Bom, cada qual com suas manias. [...]” - FRANK, Anne. O diário de Anne Frank. 69ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

Os Van Daan eram a segunda família que se escondeu no anexo secreto. Ao todo eram oito pessoas. A família Frank, os Van Daan e o senhor Dussel - um dentista com pouca paciência para adolescentes com quem Anne teve de partilhar seu quarto. Houve muitas discussões entre todos os moradores. O casal Van Daan costumava ser o centro das discussões existentes no esconderijo. A jovem Anne condenava, por exemplo, a forma como se comunicavam. Ela relata que era sempre muito barulhenta e dramática.

1.4 - A rara nobreza de um espírito amadurecido no sofrimento.

“Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertença. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.”⁵

(Walter Benjamin)

No contexto da segunda guerra mundial, o próprio amadurecimento de Anne Frank foi um conflito tão complexo quanto a guerra em si. Uma adolescência vivida clandestinamente. Enquanto a jovem permaneceu no anexo secreto, privada de suas liberdades usuais, ela conseguiu transmitir ao mundo o que lhe era mais pessoal e íntimo através de suas palavras.

Anne tornou-se um símbolo da tragédia direcionada a exterminar seu povo. Seus relatos diários conseguem confrontar a situação drástica vivida pelos judeus com os conflitos cotidianos que vivenciaram. Em meio a uma prisão doméstica havia a angústia de uma adolescente que ansiava por liberdade.

A convivência entre Anne e sua mãe, Edith Frank, não era boa. Margot Frank, sua irmã mais velha, era sempre destacada como uma pessoa exemplar pelos adultos do anexo, resultando em comparações desagradáveis entre as duas. O pai de Anne, Otto Frank, era um homem muito pacífico e racional. A melhor relação interpessoal de Anne era com seu pai.

Anne dizia que talvez nunca fosse se sentir à vontade naquele esconderijo, visto que todos os moradores do anexo secreto tinham medo de que os vizinhos pudessem ver ou ouvi-los. Para ela, uma das maiores dificuldades estava no fato de terem de ficar calados e parados boa parte dos dias, sem dizer palavras ou falar apenas em sussurros. As janelas do anexo só podiam ser abertas pela manhã. Ruídos ou barulhos eram totalmente proibidos.

Anne precisou aprender a conviver com outra família e dividir o quarto com o Sr. Albert Dussel. A alimentação era péssima e extremamente dividida entre os moradores do anexo. Ao usar o banheiro, eles precisavam criar regras específicas para não chamar atenção, como não poder dar descarga depois das oito da noite.

⁵ DIAS, 2016, p. 1.

“Quinta-feira, 25 de março de 1943 -

[...] P.S.: Hoje de manhã, o banheiro estava entupido, e papai teve de enfiar um pau comprido e pescar vários quilos de excremento e papel de embalar morangos (que usamos como papel higiênico). Depois disso, queimamos o pau.” - (FRANK, 1943, p. 112)

Anne sente que precisa de óculos, considera-se míope. Nos finais de semana ela se sentia péssima e relata a existência de uma atmosfera sufocante e pesada como chumbo. Não se ouvia o barulho dos pássaros e todos vivenciavam um silêncio opressivo e mortal que pairava sobre o anexo.

“Sábado, 12 de fevereiro de 1944 -

Querida Kitty,

O sol está brilhando, o céu é de um azul profundo, há uma brisa deliciosa, e estou sentindo falta - realmente sentindo falta - de tudo: conversa, liberdade, amigos, de ficar sozinha. Sinto vontade... de chorar! Sinto como se fosse explodir. Sei que chorar ajuda, mas não consigo. Estou inquieta. Ando de um cômodo para o outro, respiro pela fresta na janela, sinto o coração bater como se dissesse: realize meus desejos...

Acho que a primavera está dentro de mim. Sinto a primavera despertando, sinto em todo o meu corpo e minha alma. Tenho de me forçar a agir normalmente. Estou numa confusão absoluta, não sei o que ler, o que escrever, o que fazer. Só sei que estou sentindo falta de alguma coisa...” - (FRANK, 1943, p. 211)

Além de Anne sentir-se abandonada e rodeada por um grande vazio, em muitas de suas anotações, ela escreve sobre seus conflitos existenciais e pensa em seus pecados e defeitos. Sente-se confusa e oprimida pelo quanto ainda precisa mudar em si mesma e pelo quanto precisa se comportar de modo diferente. Às vezes Anne sentia-se mal tratada tanto pelos moradores do anexo, quanto por seus próprios pais. Diziam a ela que sua aparência estava horrível.

Segundo Santos (2012), é importante considerar que Anne Frank não era uma pessoa comum, uma adolescente comum, e muito menos uma menina judia comum. O que pode gerar críticas em relação ao tratamento que Anne recebia às vezes. As condições eram muito desfavoráveis. De modo geral, não há como medir o medo ou o desconforto de se manter escondido. Nada poderia ser pior do que a ansiedade por nunca saber o que aconteceria nos próximos dias. Se seriam bombardeados, atacados ou presos.

Segundo Souza (2008), o ideal de liberdade da jovem Anne Frank era ser libertada fisicamente do esconderijo, a fim de dissipar suas restrições psicológicas e as repressões que a impediam de um desenvolvimento pleno como ser humano.

A menina judia questionava sobre o porquê do mundo não viver em paz. Qual seria o sentido da guerra e por que as pessoas não podem viver em harmonia? Por que tanta desgraça e destruição? São respostas que a adolescente não tinha concretamente e não conseguia compreender por completo. Anne era contra todos os tipos de injustiça. Não entende e não se

conforma com o tratamento diferenciado entre homens e mulheres. Não compreende porque tudo que um cristão faz, é somente culpa daquele cristão, mas tudo que um judeu faz, é culpa de toda a comunidade judaica. Sente-se injustiçada por estar nesta condição e diz que alguns judeus ainda estão vivos, mas sem saber por que ou para que.

Segundo Anne, ela conhece muito a si mesma. Pois é capaz de enxergar a si própria como se fosse uma pessoa estranha, distante daquela Anne de todos os dias. Analisando tudo que faz de bom ou ruim, sem preconceitos ou desculpas. A partir dessa capacidade de autoanálise, Anne consegue enfrentar a vida com mais coragem, sentindo-se mais forte, e capaz de suportar os fardos como jovem e livre.

É impressionante que apesar de todas as dificuldades Anne se julgava uma pessoa de sorte. Ela tinha um lugar para dormir, uma cama quente, etc. Em alguns momentos quando pensava em sua vida no anexo secreto, a adolescente conclui que vivia em um paraíso comparado aos judeus que não tiveram o privilégio de estarem escondidos e foram capturados pelos nazistas. Desespera-se pensar no fato de que ninguém escapava da exterminação nazista: doentes, idosos, crianças, mulheres grávidas - todos eram dizimados.

“Quarta-feira, 13 de janeiro de 1943 -
Querida Kitty,

[...] Coisas terríveis estão acontecendo lá fora. A qualquer hora do dia ou da noite pessoas pobres e desamparadas são retiradas de suas casas. Não tem permissão de levar nem mesmo uma sacola com alguma coisa e um pouco de dinheiro, e, mesmo quando têm, essas posses lhes são roubadas no caminho. Famílias são rompidas; homens, mulheres e crianças são separados. Crianças chegam da escola e descobrem que os pais desapareceram. Mulheres voltam das compras e descobrem as casas lacradas e que as famílias desapareceram. Os cristãos holandeses também estão com medo porque seus filhos são mandados à Alemanha. Todo mundo anda apavorado. Todas as noites centenas de aviões passam sobre a Holanda a caminho das cidades alemãs, para semear suas bombas em solo alemão. Toda hora centenas, ou talvez milhares, de pessoas são mortas na Rússia e na África. Ninguém pode ficar longe do conflito, o mundo inteiro está em guerra, e mesmo com os Aliados se saindo melhor, o fim não está próximo.

E quanto a nós, somos bastante felizardos. Temos mais sorte do que milhões de pessoas. Aqui é calmo e seguro, e estamos usando nosso dinheiro para comprar comida. Somos tão egoístas que falamos sobre “depois da guerra” e ficamos ansiosos por roupas e sapatos novos, quando deveríamos estar economizando cada centavo para ajudar os outros quando a guerra terminar, para salvar o que pudermos. [...] - (FRANK, 1943, p. 97-98)

Anne entendia que era uma jovem forte e vivia em meio a uma espécie de grande aventura, ao qual deveria ser encarada como um desafio. Ela sabia que não era certo passar o dia se lamentando ou reclamando que não podia se divertir. Anne encontrava outros meios para sua distração, tais como seus hobbies de leitura e de sempre aprender coisas novas. Além disso, mesmo com tantas tribulações, Anne sabia que era abençoada por ter vida, força e ânimo. Ela

sentia-se amadurecendo a cada dia e via sua libertação cada vez mais próxima. Esses foram os principais motivos que a mantiveram na luta pela vida.

“27 de fevereiro de 1943 -

Querida Kitty,

[...] Papai esvaziou uma caixa de arquivo para mim e Margot, e encheu-a com fichas em branco de um dos lados. É para servir como nosso arquivo de leituras, nas quais Margot e eu devemos anotar os livros que lemos, o autor e a data. Aprendi duas palavras novas: bordel e coquete. Eu trouxe um caderno separado para palavras novas. [...]” - (FRANK, 1944, p. 346)

Anne não perdeu o contato com os estudos e soube utilizar isso para se habituar à sua nova condição de vida. Diariamente ela reservava horas para estudar línguas, matemática, história e geografia. Além disso, todos os moradores se revezavam nas tarefas diárias do anexo. Anne participava das escalas para ajudar na limpeza, cortar legumes, etc. Desse modo, todos os dias eram iguais para Anne dentro daquele minúsculo espaço, que era dividido por sua família e mais outros quatro integrantes.

Capítulo 2 - Os resilientes do anexo secreto

2.1 - Afetos e desafetos: Confinados e saturados aprendendo a conviver.

A convivência entre os oito moradores do anexo secreto foi muito delicada devido a todas as dificuldades que já foram mencionadas. A pressão do esconderijo era imensa, o que resultou em muitos desafetos. Porém, com muita resiliência, essas pessoas também conseguiam encontrar pontos de união e afetividade entre elas. Como comemorar o aniversário de cada um que vivia ali, trocar presentes entre eles, fazer planos para um futuro pós guerra, rodas de música e poesia quando possível, ou conversas harmoniosas em torno da mesa de refeições. Havia oito mundos diferentes convivendo juntos sob a mesma opressão, “ser judeu” durante o regime nazista.

*“Segunda-feira, 5 de junho de 1944 -
Querida Kitty,*

Novos problemas no anexo. Uma discussão entre os Dussel e os Frank pela divisão da manteiga. Capitulção por parte de Dussel. Amizade íntima entre este último e a Sra. Van Daan, paqueras, beijos e sorrisinhos amigáveis. Dussel está começando a sentir falta de companhia feminina.

Os Van Daan não entendem por que devemos fazer um bolo de especiarias para o aniversário do Sr. Kugler, quando não podemos fazer um para nós. Tudo muito mesquinho. Humor lá em cima: ruim. A Sra. Van Daan está resfriada. Dussel apanhado com tabletes de fermento para pão, enquanto nós não temos nenhum. [...] Muito poucas batatas e legumes. Um pão estava mofado. Scharminkelje (nome da nova gata do armazém) não suporta pimenta. Ela dorme na caixa e faz as necessidades na serragem. Impossível impedir. [...]” - (FRANK, 1944, p. 341-342)

*“Terça-feira, 13 de junho de 1944 -
Querida Kitty,*

Outro aniversário passou, agora tenho 15 anos. Recebi um bocado de presentes: o livro de história da arte de Springer, em cinco volumes, roupas de baixo, dois cintos, um lenço, dois potes de iogurte, um pote de geleia, dois biscoitos de mel (pequenos); de papai e mamãe ganhei um livro de botânica, de Margot um bracelete de ouro, um álbum de figurinhas dos Van Daan, Biomalt e ervilhas-de-cheiro de Dussel, doces de Miep, doces e cadernos de Bep, e o ponto alto: o livro Maria Theresia e três fatias de queijo cremoso do Sr. Kugler. Peter me deu um lindo buquê de peônias; o coitado fez de tudo para conseguir um presente, mas não adiantou. [...]” - (FRANK, 1944, p. 346)

Perante a obrigação de viverem presos sob a constante ameaça de serem descobertos e assassinados, podemos imaginar como facilmente se chegava à exaustão entre todos os residentes. Por vezes, cansados uns dos outros, o ambiente era depressivo e o medo estava sempre presente nas mentes de todos. Condições deploráveis de higiene e alimentação. Mais

uma vez, Anne recorria à expressão escrita sobre as adversidades vividas e experiências traumáticas. Segundo Santos (2012), a jovem escritora acaba criando o seu espaço naquele anexo secreto. Um espaço para ser ela própria. Esse espaço é criado pelo diário. Nesse sentido, a literatura pode ajudar os indivíduos a se adaptarem melhor aos acontecimentos indutores de estresse e sofrimento, quando estes pensam sobre as condições existentes, e exploram seus sentimentos assimilando-os e reorganizando-os no papel.

“Quinta-feira, 6 de janeiro de 1944 -

Querida kitty,

Hoje tenho duas coisas para confessar. Vai demorar um longo tempo, mas tenho de contar a alguém, e você é a candidata mais adequada - sei que vai guardar segredo, não importa o que aconteça.

A primeira é sobre mamãe. Como sabe, sempre reclamei dela e depois tentei ao máximo ser gentil. De repente, percebi o que há de errado nela. Mamãe disse que nos vê mais como amigas do que como filhas. Isso é muito bom, claro, só que uma amiga não pode substituir uma mãe. Eu preciso que minha mãe seja um bom exemplo e uma pessoa a quem eu possa respeitar, mas na maioria das vezes ela é um exemplo do que não fazer. Tenho a sensação de que Margot pensa de um modo tão diferente que nunca entenderá o que acabo de dizer. E papai evita qualquer conversa sobre mamãe.

A mãe que eu imagino é uma pessoa que, em primeiro lugar, tem muito tato, sobretudo com relação aos filhos adolescentes, e não uma pessoa que, como mama, zomba de mim quando choro. Não porque estou sofrendo, mas por causa de outras coisas. [...]” - (FRANK, 1944, p. 182)

Segundo Santos (2012), podemos considerar que há uma tentativa de sobrevivência psíquica, na qual uma das características principais consiste em recorrer à fantasia para a idealização de “uma mãe” e de “um amigo”, no caso do diário. Anne idealizava um modelo de mãe que ela não tinha. No anexo secreto sua relação com a mãe tornou-se ainda mais desafiadora. Segundo Anne, sua mãe era uma mulher muito conservadora, fria, antiquada e resistente à personalidade que a jovem menina apresentava.

A senhora Van Daan considerava Anne uma adolescente mimada e constantemente fazia críticas sobre o seu comportamento. O jovem Peter era extremamente introspectivo e tinha baixa autoestima. Ele não se sentia à vontade para conversar com seus pais e preferia manter uma postura mais reservada em relação aos outros moradores do anexo. A senhora Van Daan tinha algumas diferenças com a senhora Frank, visto que as duas tinham visões de mundo distintas e principalmente modos diferentes de administrar a casa e a criação dos filhos. Com muitos esforços de ambas as partes, elas entraram em consenso a partir da criação de um sistema com regras gerais para o bom funcionamento do anexo. A Sra. Edith Frank era uma mulher pacífica e não se envolvia em brigas. O casal Van Daan era o foco da maioria das discussões da casa. O casal Frank apresentava uma relação muito harmônica e raramente se desentendiam. Margot

Frank era uma jovem madura, inteligente e muito comportada. Recebia elogios dos adultos do anexo, além de ser apontada como um grande exemplo a ser seguido por sua irmã mais nova. O Sr. Albert Dussel era metódico, zelava por sua privacidade e passava muitas horas lendo ou estudando. Suas maiores dificuldades de convívio foram com Anne Frank na divisão do quarto e com os outros moradores na divisão do banheiro, pois o Sr. Dussel utilizava o recinto com mais frequência e demorava mais tempo do que o normal.

“Segunda-feira, 9 de agosto de 1943 -

Continuamos descrevendo um dia típico no Anexo. Como já almoçamos, está na hora de descrever o jantar.

O Sr. Van Daan é servido em primeiro lugar, e pega uma porção generosa das coisas de que gosta. Em geral, participa da conversa, nunca deixa de dar sua opinião. Quando fala, sua palavra passa a ser a definitiva. Se alguém ousar sugerir outra coisa, o Sr. Van D. pode aprontar uma briga. Ah, ele consegue sibilar como um gato... mas eu prefiro que não faça isso. Depois de ver uma vez, você não suporta ver mais. A opinião dele é a melhor, ele sabe o máximo de tudo. Convenhamos que ele tem uma boa cabeça sobre os ombros, mas é uma cabeça inchada demais.

Madame. Na verdade, a melhor coisa seria não comentar nada. Há dias, sobretudo quando dá para ficar mal-humorada, seu rosto é difícil de ser decifrado. Se você analisar as discussões, vai perceber que ela não é o tema, e sim a culpada! Fato que todo mundo prefere ignorar. Mesmo assim, você poderia considerá-la provocadora. Criar problemas é exatamente o que a Sra. Van Daan gosta de fazer. Criar problemas entre a Sra. Frank e Anne. Com Margot e o Sr. Frank, não é tão fácil.

Mas voltemos à mesa. A Sra. Van Daan pode achar que nem sempre recebe o bastante, mas não é verdade. As melhores batatas, a guloseima mais gostosa, o pedaço mais macio do que quer que seja, esse é o mote de Madame. Os outros podem ter sua vez, desde que ela receba o melhor. (Exatamente o que ela acusa Anne Frank de fazer.) Seu segundo lema é: ficar falando. Desde que haja alguém ouvindo, não lhe ocorre pensar se a pessoa está interessada. Ela deve achar que qualquer coisa que disser vai interessar a todos.

Dê um sorriso charmoso, finja que sabe de tudo, dê conselhos a todo mundo e banque a mãezona - isso deve causar boa impressão. Mas se você olhar direito, a boa impressão desaparece. Mas preciso dizer. Número um: ela é trabalhadeira; dois: é alegre; três tem charme - e às vezes um rosto bonito. Essa é Petronella Van Daan.

O terceiro à mesa diz pouquíssima coisa. O jovem Sr. Van Daan geralmente é quieto e mal demonstra que está presente. Quanto ao seu apetite, ele é um tonel das Danaides, que nunca se enche. Mesmo depois da refeição mais substancial, ele pode olhar você calmamente nos olhos e dizer que poderia ter comido o dobro.

Número quatro: Margot. Come como um passarinho e não abre a boca. Só come legumes e frutas. Mimada, na opinião dos Van Daan. Pouco exercício e ar puro, e fica na sua.

Ao lado dela, mamãe. Tem bom apetite e participa da conversa. Ninguém tem a impressão - como ocorre com relação à Sra. Van Daan - de que ela é uma dona de casa. Qual é a diferença entre as duas? Bom, a Sra. Van D. cozinha, e mamãe lava os pratos e lustra os móveis.

Números seis e sete. Não vou falar muito sobre papai e eu. O primeiro é a pessoa mais modesta à mesa. Sempre olha para ver se os outros já se serviram. Não precisa de nada para si; as melhores coisas são para as crianças. É a bondade personificada. Sentado perto dele está o pequeno feixe de nervos do Anexo.

Dussel. Sirva-se, fixe os olhos na comida, coma e não fale. E se tiver de dizer alguma coisa, então, pelo amor de Deus, fale de comida. É um assunto que não leva a brigas, só a bobagens. Isso só é interrompido por seu cochilo à tarde, pela comida e pelo banheiro - seu local predileto. Três, quatro vezes por dia há alguém esperando do lado de fora do banheiro, tentando se segurar e mal conseguindo. Será que Dussel se incomoda? Nem um pouco. De sete e quinze às sete e meia, meio-dia e meia à uma, de

duas às duas e quinze, de quatro às quatro e quinze, de seis às seis e quinze, de onze e meia à meia-noite. Você pode acertar seu relógio por esses horários; são as horas de suas sessões regulares. Ele nunca se desvia nem se deixa incomodar pelas vozes do lado de fora, implorando que ele abra antes que aconteça um desastre.

O número nove não faz parte da família do Anexo, mas compartilha nossa casa e nossa mesa. Bep tem um apetite saudável. Limpa o prato e não é de escolher. Bep é fácil de se satisfazer, e isso nos agrada. Ela pode ser caracterizada assim: alegre, bem-humorada, gentil e bem-disposta.” - (FRANK, 1943, p. 144-146)

Entre altos e baixos, a família Frank, os Van Daan e o Sr. Albert Dussel conviveram por aproximadamente dois anos e um mês. Criação de regras. Divisão da comida. Estratégias para comunicação entre eles, etc. Tudo isso foi necessário e garantiu a sobrevivência de todos durante o tempo que permaneceram ali.

2.2 - Amor e sexualidade na adolescência: Desafios e transformações.

A partir dos relatos de Anne ligados à sua adolescência, podemos fazer importantes reflexões sobre fenômenos psicológicos e sociais relacionados a alguns fatores como o ambiente social, econômico e cultural onde a adolescente se desenvolve.

*“Quinta-feira, 6 de janeiro de 1944 -
Querida kitty,*

[...] Acho difícil confessar a segunda coisa, porque é sobre mim. Não sou puritana, Kitty, e, no entanto, sempre que eles fazem um relato completo de suas idas ao banheiro, o que acontece com frequência, todo o meu corpo se revolta.

Ontem, li um artigo de Sis Heyster sobre pessoas que enrubesçam. Foi como se ela tivesse escrito para mim. Não que eu enrubesça com facilidade, mas o restante do artigo tinha a ver. O que ela diz, basicamente, é que durante a puberdade as meninas se recolhem em si mesmas e começam a pensar nas mudanças maravilhosas que acontecem em seus corpos. Sinto isso também, o que provavelmente é o motivo de minha vergonha recente com relação a Margot, mamãe e papai. Por outro lado, Margot é muito mais tímida do que eu, e mesmo assim não fica nem um pouco envergonhada.

Acho que o que está acontecendo comigo é maravilhoso, e não falo somente das mudanças que acontecem no exterior do meu corpo, mas também das que ocorrem por dentro. Nunca comento essas coisas com os outros, e é por isso que tenho de falar sobre elas comigo mesma. Sempre que fico menstruada (e isso só aconteceu três vezes), tenho a sensação de que, apesar de toda a dor, do desconforto e da sujeira, sou dona de um segredo. Assim, mesmo sendo uma coisa chata, de certo modo estou sempre ansiosa pela época em que vou sentir esse segredo outra vez dentro de mim.

Sis Heyster também escreve que as meninas da minha idade se sentem muito inseguras consigo mesmas e mal estão começando a descobrir que são indivíduos com ideias, pensamentos e hábitos próprios. Tinha acabado de fazer 13 anos quando cheguei aqui, por isso comecei a pensar em mim mesma e percebi que tinha me tornado uma “pessoa independente” mais cedo do que a maioria das garotas. Às vezes, quando me deito à noite, sinto um desejo terrível de tocar meus seios e ouvir as batidas calmas e firmes de meu coração.

Inconscientemente, eu tinha essas sensações antes mesmo de vir para cá. Uma vez, quando estava passando a noite na casa de Jacque, não pude conter minha curiosidade sobre seu corpo, que ela sempre havia escondido de mim e que eu nunca tinha visto. Perguntei se, como prova de nossa amizade, poderíamos tocar os seios uma da outra. Jacque recusou. Também tive um desejo terrível de beijá-la, e beijeí. Sempre que vejo uma mulher nua, como a Vênus em meu livro de história da arte, entro em êxtase. Às vezes acho que ela são tão maravilhosas que tenho de lutar para conter as lágrimas. Se ao menos eu tivesse uma amiga!” - (FRANK, 1944, p. 183-184)

Durante esta fase, Anne naturalmente está ligada à tarefa de experimentar as suas mudanças pessoais inerentes à puberdade. No desenvolvimento de suas manifestações sexuais, ela amadurece sua personalidade e passa a se conhecer melhor. É comum o surgimento de algumas perturbações no equilíbrio psíquico da adolescente, visto que ela vive um período de transição entre a infância e a idade adulta. Nesse contexto, Anne é uma jovem que apresenta a necessidade de estabelecer relações novas e mais maduras com as pessoas que interage. Esse amadurecimento nas relações interpessoais está associado ao status de adulto. A partir disso, podemos entender sua necessidade de desenvolver uma certa independência emocional dos pais, a fim de adquirir uma compreensão mais profunda dos valores e do sistema ético de sua cultura. Aprender a comportar-se de uma maneira socialmente responsável. Observamos um pouco dessa necessidade e transformação no seguinte relato:

“Sexta-feira, 17 de março de 1944 -

[...] Não me leve a mal. Ainda amo papai do mesmo jeito, e Margot ama papai e mamãe, mas quando você tem a nossa idade, quer tomar algumas decisões sozinha, sair debaixo da asa deles. Sempre que vou lá para cima, eles perguntam o que vou fazer, não me deixam colocar sal na minha comida, mamãe me pergunta todas as noites, às oito e quinze, se não está na hora de eu colocar a camisola, e eles têm de aprovar cada livro que leio. Devo admitir que não são tão rígidos com relação a isso, e me deixam ler quase tudo, mas Margot e eu estamos cheias de precisar ouvir seus comentários e suas perguntas o dia inteiro.

Há outra coisa que desagrada a eles: não sinto mais vontade de beijá-los de manhã, ao meio-dia e à noite. Todos aqueles apelidinhos parecem ridículos, e é nojenta a mania de papai falar sobre peidos e sobre ir ao banheiro. Resumindo, não há nada que eu adoraria mais do que ficar um tempo longe dos dois, e eles não entendem isso. Não que Margot e eu tenhamos dito isso alguma vez. De que adiantaria? Eles não entenderiam mesmo. [...] Mesmo tendo somente 14 anos, sei o que quero, sei quem está certo e quem está errado, tenho minhas opiniões, ideias e meus princípios, e mesmo que pareça estranho vindo de uma adolescente, me sinto mais como uma pessoa do que como uma criança - me sinto completamente independente dos outros. [...] Tudo estaria bem se ao menos eu tivesse Peter, já que o admiro em muitas coisas. Ele é tão honesto e inteligente!” - (FRANK, 1944, p. 248-249)

A relação de Anne com Peter foi construída ao longo do tempo em que viveram ali. Principalmente a partir de janeiro de 1944, último ano que passaram no anexo. Os dois conversavam a sós no sótão, e em alguns momentos de trabalho nas tarefas do anexo. Conforme

Peter foi ganhando confiança nas conversas com Anne, progressivamente ele demonstrava seus sentimentos e pensamentos a ela. Anne ficou completamente apaixonada por Peter nos últimos meses no esconderijo. Tornaram-se bons amigos e assim conviveram até 04 de agosto de 1944.

“Segunda-feira, 14 de fevereiro de 1944 -

[...] Não pude deixar, no íntimo, de achar engraçado o que ele tinha dito. Mas, como queria que Peter continuasse falando calmamente a seu respeito, prendi o riso, sentei-me numa almofada no chão, abracei os joelhos e olhei-o atentamente.

Fico feliz ao ver que mais alguém nesta casa tem as mesmas fúrias que eu. Peter pareceu aliviado por poder criticar Dussel sem ter medo de que eu desse com a língua nos dentes. Quanto a mim, fiquei satisfeita também, porque tive uma sensação forte de amizade, que só me lembro de ter compartilhado com minhas amigas.” - (FRANK, 1944, p. 213)

Essa relação entre Anne e Peter exemplifica a adolescência como um período em que as relações sociais estão em processo de reestruturação. Mudanças nas responsabilidades e nos papéis sociais que ocorrem nessa fase dão origem a incertezas e rupturas psicológicas. A geração dos mais velhos e dos mais novos precisam renegociar suas relações. No caso de Anne, há uma mudança evidente a partir do momento em que começa a sentir atração por Peter no anexo secreto. Anne começa a se distanciar cada vez mais dos pais, especialmente da mãe, e aproxima-se de Peter, que se transforma em seu novo objeto de amor. O foco passa a ser alguém desconhecido e fora do meio familiar.

Anne experimenta transformações tanto no nível biológico, como social e psicológico. Estas se manifestam no corpo, nas emoções, atitudes, relações com a família e amigos, apropriação da sexualidade, nos novos papéis sociais, campo intelectual e na construção de novos valores. Nesse sentido, Anne Frank descobre a sua identidade e define as bases da sua personalidade. Os valores adquiridos na infância se reformulam e se assimilam numa nova estrutura mais madura.

“Quarta-feira, 22 de março de 1944 -

[...] Enquanto isso as coisas aqui estão cada vez mais maravilhosas. Eu acho, Kitty, que o verdadeiro amor pode estar se desenvolvendo no Anexo. Todas aquelas piadas sobre eu me casar com Peter, se nós ficarmos aqui por tempo suficiente, não parecem tão idiotas, afinal. Não que eu esteja pensando em me casar com ele, veja bem. Nem mesmo sei como ele vai ser quando crescer: Ou se estaremos bastante apaixonados para casar.

Agora, tenho certeza de que Peter também me ama; só não sei qual é o tipo de amor. Não consigo imaginar se ele apenas deseja uma boa amiga, ou se está atraído por mim como namorada ou como irmã. Quando ele disse que sempre o ajudei quando seus pais brigavam, fiquei muito feliz; foi um passo na direção de acreditar em sua amizade. Ontem perguntei o que ele faria se houvesse uma dezena de Annes aparecendo para vê-lo. Ele respondeu:

- Se fossem todas como você, não seria tão ruim.

Ele é finíssimo, e acho que realmente gosta de me ver.

Enquanto isso, está se esforçando muito para aprender francês, chega a estudar na cama até dez e quinze.” - (FRANK, 1944, p. 258)

É importante considerar, novamente, as limitações de Anne e Peter durante essa fase de suas vidas. Essa adolescência não é vivida nas condições típicas de qualquer adolescente. Não podemos negar que eles a atravessaram naturalmente, porém ocorreu de modo atípico.

2.3 - Mentas ocupadas: A cultura do estudo que eles mantiveram no esconderijo.

De acordo com o diário de Anne Frank, os integrantes do anexo secreto souberam ocupar muito bem suas mentes enquanto estavam confinados. Nesse sentido, é importante considerar os hábitos de estudo, leitura e escrita na cultura judaica para essa questão. O povo judeu é considerado por muitos como “o povo do livro”. É notório quando pesquisamos sobre autores ou cientistas que são judeus e, comumente, vemos os membros desse povo envolvidos com produções literárias ou algum estudo científico. Anne Frank era uma adolescente bastante intelectualizada, assim como todos os membros do anexo. Muitas foram as discussões entre eles sobre política, guerras mundiais ou temáticas sociais que levantavam entre si.

“Terça-feira, 16 de maio de 1944 -

[...] Os interesses de nossa família no Anexo (Uma pesquisa sistemática sobre cursos e leituras)

Sr. Van Daan. Nenhum curso; procura muitas coisas na Enciclopédia e no Dicionário Knauer; gosta de ler histórias policiais, livros de medicina e romances, empolgantes ou banais.

Sra. Van Daan. Cursos de inglês por correspondência; gosta de ler romances biográficos e, às vezes, outros tipos de romances.

Sr. Frank. Está estudando inglês (Dickens!) e um pouco de latim; nunca lê romances, mas gosta de descrições sérias e secas sobre pessoas e lugares.

Sra. Frank. Curso de inglês por correspondência; lê qualquer coisa, menos histórias policiais.

Sr. Dussel. Está estudando inglês, espanhol e holandês, sem resultados visíveis; lê de tudo: segue a opinião da maioria.

Peter Van Daan. Está estudando inglês, francês (curso por correspondência), taquigrafia em holandês, inglês e alemão, correspondência comercial em inglês, marcenaria, economia e, às vezes, matemática; lê raramente, algumas vezes, geografia.

Margot Frank. Cursos de inglês, francês e latim por correspondência, de taquigrafia em inglês, alemão e holandês, trigonometria, mecânica, física, química, álgebra, geometria, literatura inglesa, literatura francesa, literatura alemã, literatura holandesa, biblioteconomia, geografia, história moderna, biologia, economia; lê de tudo, de preferência religião e medicina.

Anne Frank. Taquigrafia em francês, inglês, alemão e holandês, geometria, álgebra, história, geografia, história da arte, mitologia, biologia, história bíblica, literatura holandesa; gosta de ler biografias, chatas ou empolgantes, e livros de história (às vezes, romances e leituras leves).” - (FRANK, 1944, p. 329-330)

O fato de existirem poucos instrumentos audiovisuais na primeira metade do século 20, como televisão, smartphone, computadores ou videogames, também induz os cidadãos dessa época a se ocuparem com outras coisas. Os hábitos de leitura e escrita eram muito mais intensos. A taxa de analfabetismo na Europa era baixa quando comparada a outros países. Nesse contexto, Anne Frank escreve o seu diário e mantém seus hábitos de estudo durante o período de confinamento, assim como os outros moradores também o faziam. Anne estudava outras línguas e escrevia contos e histórias além da criação do diário. Ela viveu de tal forma que, quando a guerra terminasse, estaria pronta para regressar à escola, sem muitos atrasos ou dificuldades para acompanhar o cronograma escolar.

De forma geral, o hábito de escrever diários ou os hábitos de escrita da geração de Anne Frank são muito diferentes dos hábitos de escrita que temos hoje em dia. Logicamente as gerações mudam e transformações acontecem. Porém, essa cultura de escrita e esses bons hábitos de estudo podem ser recuperados. Infelizmente temos uma multidão de jovens e adolescentes que dedicam boa parte do tempo para videogames, séries, filmes e redes sociais. Essas práticas podem não favorecer tanto a formação de jovens leitores e escritores como os da geração de Anne Frank. Eis uma das lições que esse instrumento de sobrevivência utilizado por Anne durante a segunda guerra mundial pode nos trazer. A partir do exemplo de Anne Frank, e dos sobreviventes do anexo secreto enquanto permaneceram ali, podemos estimular e desenvolver cada vez mais as práticas de leitura e escrita na educação dos nossos jovens e adultos.

Quantos diários famosos foram elaborados durante a pandemia que se iniciou em 2020? Quais produções literárias os nossos jovens produziram durante esse período de reclusão? Essas práticas, quando melhor desenvolvidas, podem trazer uma revolução no âmbito da leitura e produção de textos. Provavelmente, uma cultura mais letrada pode promover melhores relações sociais, com mais afeto e respeito, garantindo a evolução da espécie humana em tempos difíceis. Segundo a percepção do mundo externo e interno de cada um, assimilando e digerindo os fatores internos como os próprios sentimentos, ou externos, como o ambiente que nos cerca, esses fatores podem ser refletidos na escrita como ocorreu com Anne Frank em seu diário. Isso pode contribuir muito para o bom uso da escrita em tempos sombrios.

“Sábado, 27 de março de 1943 -

Querida kitty,

Terminamos nosso curso de taquigrafia e agora estamos nos esforçando para aumentar a velocidade. Não somos inteligentes? Vou comentar mais sobre os meus

matadores de tempo (é assim que chamo meus cursos, porque tudo o que fazemos é tentar fazer com que os dias passem o mais rápido possível para estarmos mais perto do fim de nossa estada aqui). Adoro mitologia, sobretudo deuses gregos e romanos. Todo mundo acha que meu interesse é mania passageira, pois nunca ouviram falar de uma adolescente que goste de mitologia. Bom, então acho que sou a primeira! [...]” - (FRANK, 1943, p. 113)

Segundo Lejeune (2014), escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes. O “silêncio” das outras classes parece totalmente natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres. Nesse sentido, destacamos que Anne Frank não era rica e muito menos pertencente à classe dominante. É necessário estimular a leitura e escrita de jovens e adolescentes brasileiros de todas as classes sociais, a partir de uma reforma na cultura de estudo que temos em nosso país, repleto de desigualdades, com maior foco nas escolas e famílias.

Como pais judeus que mantiveram essa cultura de estudo em suas vidas e na criação das filhas, Edith e Otto Frank se preocupavam com a manutenção e progresso mental das meninas Margot e Anne. Eis um relato em 03 de novembro de 1943 que exemplifica essa questão:

“Querida Kitty,

Para afastar os problemas de nossa mente e desenvolvê-la, papai pediu um catálogo de uma escola por correspondência. Margot examinou três vezes a brochura grossa sem encontrar nada que lhe agradasse e que estivesse dentro do orçamento. Papai foi mais fácil de agradar, e decidiu escrever pedindo uma aula experimental de latim elementar. Nem bem falou e logo agiu. A aula chegou. Margot passou a trabalhar entusiasmada e decidiu fazer o curso, a despeito do gasto. É difícil demais para mim, embora eu bem que gostaria de aprender latim. [...]” - (FRANK, 1943, p. 164)

“Quarta-feira, 17 de novembro de 1943 -

Querida Kitty,

[...] Margot manda as lições de latim a um professor, que as corrige e devolve. Ela está matriculada com o nome de Bep. O professor é muito bom e engraçado também. Aposto que fica feliz por ter uma aluna tão boa. [...]” - (FRANK, 1943, p. 169)

As jovens Anne e Margot Frank eram dedicadas e comprometidas com o progresso intelectual que seus pais tanto estimulavam. Todos os moradores do anexo secreto possuíam algum nível de comprometimento com essa missão. Os judeus são ensinados a amar e estudar todo tipo de ciência, além do estudo tradicional da Torah - livro sagrado que forma as bases principais do judaísmo. Filosofia, letras, psicologia, matemática, física, química. Não se trata de fazer uma graduação em cada área do conhecimento, mas sim no simples ato de sentar em alguma cadeira, ou à beira de uma mesa de estudos, e abrir um livro. O conhecimento ninguém

pode tirar deles.

2.4 - A esperança é a última que morre!

Diante do cenário de desigualdade social e exclusão que o holocausto representou, muitos judeus cultivavam a esperança de um amanhã melhor. A distribuição desproporcional de recursos materiais e sociais para esse povo, não era suficiente para destruir o potencial que, culturalmente, construíam ao longo de suas vidas. Ainda que escondidos, eles lutavam para manter esse padrão. Enquanto foi possível, esse grupo socialmente excluído, mantinha uma participação plena e ativa na sociedade, combatendo o antissemitismo e tentando sobreviver. Muitas foram as lutas pela sobrevivência desse povo ao longo da história. Anne Frank junto ao seu diário em plena segunda guerra mundial representa uma delas.

Todos aqueles que não participavam dos valores e das representações sociais dominantes corriam o risco de aniquilamento. Destaca-se aqui o grupo social judaico pois este é o grupo ao qual Anne Frank pertenceu.

Ao questionar seu pai acerca do porquê desta necessidade de sobreviverem em um esconderijo, Otto Frank não tinha palavras suaves para explicar que todos os judeus estavam em perigo de vida, porque o sistema político vigente considerava-os um nada. Apenas meras coisas sem valor, alvos de perseguição e destruição.

Com certa frequência, Anne afastava-se deste mundo hostil e sonhava com um mundo que ela mesma idealizava no diário. Um mundo com futuro, alegria e sucesso após a guerra. Considerando, por muitas vezes, que tudo não passava de uma grande aventura para ser lembrada mais tarde.

“Quarta-feira, 23 de fevereiro de 1944 -

Minha querida Kitty,

Desde ontem o tempo está maravilhoso, e me sinto um pouquinho mais animada. Meus escritos, a melhor coisa que tenho, estão indo bem. Vou ao sótão quase todas as manhãs, tirar o ar estagnado dos pulmões. Hoje de manhã, quando fui para lá, Peter estava fazendo a limpeza. Ele terminou depressa e veio até onde eu estava, meu local preferido no chão. Nós dois olhamos para o céu azul, para o castanheiro nu brilhando de umidade, as gaiotas e outras aves luzindo de prata, enquanto rodopiavam no ar, e ficamos tão comovidos e extasiados que não conseguimos falar. [...] - (FRANK, 1944, p. 221)

Ao longo do diário, Anne prefere não falar tantas vezes sobre a situação de sofrimento em geral, como forma de proteção para o seu mundo interno não desmoronar. Nesse sentido, podemos considerar que Anne criou um sistema defensivo em que desenvolveu maior afeição à

natureza e à religião. Dimensões que nunca lhe haviam interessado antes do período de reclusão no anexo secreto.

Segundo Souza (2008), Anne Frank poderia contar a sua melhor amiga *Kitty* - o diário, todo sofrimento trazido pela guerra com ainda mais ênfases e descrições, contudo, Anne tinha consciência de que isso somente poderia prejudicá-la e deixá-la sempre mais triste e infeliz. Desse modo, a atitude de esperar calmamente até o final da guerra, era a solução mais recomendada e coerente de acordo com a própria jovem.

“Quinta-feira, 20 de fevereiro de 1944 -

[...] O melhor remédio para os amedrontados, solitários ou infelizes é sair, ir a um local em que possam ficar a sós, com o céu, a natureza e Deus. Só então você pode sentir que tudo é como deveria ser, e que Deus deseja a felicidade das pessoas em meio à beleza e à simplicidade da natureza.

Enquanto isso existir - e deve existir para sempre -, sei que haverá consolo para toda tristeza, em qualquer circunstância. Acredito firmemente que a natureza pode trazer conforto a todos que sofrem. [...] - (FRANK, 1944, p. 222)

Segundo Dias (2016), em sua reportagem sobre depoimentos de sobreviventes do holocausto, o senhor Daniel Roth - sobrevivente desse período, costumava dizer que se tivesse o talento literário de Anne Frank, ele teria escrito uma história semelhante à dela, com apenas três diferenças. A primeira é a geográfica (ele estava na Polônia; ela na Holanda); a segunda é a do local do esconderijo (ele se escondeu em um porão; ela, num sótão) e a terceira é a da sobrevivência (ele sobreviveu; ela não).

Apesar de ter sido descoberta por policiais holandeses junto com os outros integrantes do anexo secreto, Anne Frank conseguiu atingir um dos seus maiores objetivos de vida. Tornar-se famosa com a sua escrita.

Na manhã de 4 de agosto de 1944, entre dez e dez e meia, policiais holandeses invadiram o anexo e prenderam as oito pessoas que estavam escondidas. Pegaram todo o dinheiro e objetos de valor que encontraram.

Anne faleceu no campo de concentração de Bergen-Belsen devido a uma epidemia de tifo que irrompeu no inverno de 1944-1945. Em consequência das péssimas condições de higiene, milhares de prisioneiros, incluindo sua irmã Margot Frank, faleceram. Os corpos das duas irmãs foram provavelmente enterrados nas valas comuns de Bergen-Belsen. O campo foi libertado por tropas inglesas em 12 de abril de 1945 pouco depois do falecimento das duas. Otto Frank foi o único sobrevivente dos oito integrantes do anexo secreto.

Considerações finais

“E essa é uma característica surpreendente do diário que o opõe a todos os outros textos: nenhum leitor externo poderá fazer a mesma leitura que o autor, embora leia justamente para conhecer sua intimidade. Vocês nunca vão saber realmente o que o texto do meu diário significa para mim.”⁶

(Philippe Lejeune)

O objetivo deste trabalho foi estudar e analisar o diário de Anne Frank, com enfoque nos mecanismos de sobrevivência utilizados pela autora, como ocorreram esses processos, as transformações vivenciadas por ela, os desafios pelos quais passou, e a utilização da escrita na adolescência feita em condições sub-humanas. O diário a revela como uma pessoa de senso crítico apurado e com forte aptidão para dissecar os seus sentimentos a partir da escrita.

Com grande capacidade de reflexão sobre os próprios sentimentos, conhecimento de si mesma e sobre a vida ao seu redor, tanto no anexo quanto fora dele, Anne nos revela uma maturidade que vai crescendo ao longo do diário. Sendo assim, podemos observar uma ascensão muito rápida no nível de abordagem aos temas e conteúdos do mundo dos adultos, em plena adolescência, que se caracteriza como um período de transição intenso e conturbado.

Anne foi dona de uma grande coragem para enfrentar as adversidades que se colocaram em seu caminho nessa fase de adolescente e marginalizada. A esperança de Anne continua viva nas reproduções de seu diário ao redor do mundo. Capaz de incentivar e estimular em muitos sentidos seus diversos leitores. A vida para Anne Frank também pôde ser encarada como uma grande aventura, segundo afirmações feitas pela própria autora. A partir da leitura e estudo do diário, holocausto e segunda guerra mundial, foi possível entender e traçar essas características.

Uma jovem adolescente capaz de se construir na escrita de um diário em circunstâncias extremas. Segundo Lejeune (2014), um diário é escrito, em primeiro lugar, para si mesmo. Podemos reencontrar nele os elementos do nosso passado, além de sermos nossos próprios destinatários no futuro. O diário contribui, modestamente, para a paz social e o equilíbrio individual. Nesse sentido, Anne Frank conseguiu sobreviver por aproximadamente dois anos e um mês no anexo secreto, e ser imortalizada pela escrita de seu diário.

⁶ LEJEUNE, 2014, p. 345

Bibliografia:

- ARQSHOAH - ARQUIVO VIRTUAL. Vozes do Holocausto. YouTube, 22 de julho de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XW7BNxTAofo&t=41s>>. Acesso em: 04 de julho de 2022.
- DIAS, Valéria. Lembrar para nunca esquecer: projeto colhe o depoimento de 90 sobreviventes do Holocausto. Jornal da USP, São Paulo, 15 de jun. de 2016. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/lembrar-para-nunca-esquecer-projeto-colhe-o-depoimento-de-90-sobreviventes-do-holocausto/>>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- FRANK, Anne. O diário de Anne Frank. 69ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- SANTOS, Marta Magalhães. Um olhar sobre o diário de Anne Frank. Orientador: Maria Antónia Trigueiros de Castro Carreiras. 2012. 69 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/70652147.pdf>> Acesso em: 3 jul. 2022.
- SOUZA, Monique F. O Ideal de Liberdade em O diário de Anne Frank. Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E CIÊNCIAS SOCIAIS, Pesquisa realizada pelo 6º Programa de Iniciação Científica. Brasília, agosto de 2008. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11018/1/20621093.pdf>> Acesso em: 4 jul. 2022.